

Série **Samba se aprende na escola** – canções da Praça Onze

### Episódio 18 – Cabide de molambo

**Vinheta com Voz do Morro**

<https://www.youtube.com/watch?v=h06DRX2Ot7M>

**0.00'32"**

*Preparem seus tamborins*

*A Praça Onze acabou, não temos onde brincar*

*Por isso, não vamos chorar* **0.00'44"**

Olá, esta é a série **Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze**. Aqui, falamos de música popular brasileira e aprendemos com quem canta as nossas histórias. Este é o episódio 18 e, nele, vamos ouvir, analisar e cantar o samba **Cabide de Molambo**, de João da Baiana, na voz do próprio compositor. A letra está no site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br). Tóris com i, viu? Ouve só.

**Sobe som Cabide de molambo, inteira**

<https://www.youtube.com/watch?v=ayxyE-vBPwk>

*Meu Deus, eu ando com sapato furado / Tenho a mania de andar engravatado / A minha cama é um pedaço de esteira / E uma lata velha, que me serve de cadeira.*

*Meu Deus, eu ando com sapato furado / Tenho a mania de andar engravatado / A minha cama é um pedaço de esteira / E uma lata velha, que me serve de cadeira.*

*Minha camisa foi encontrada na praia / A gravata foi achada na ilha da Sapucaia / Meu terno branco parece casca de alho / Foi a deixa de um cadáver num acidente do trabalho.*

*Meu Deus, eu ando com sapato furado / Tenho a mania de andar engravatado / A minha cama é um pedaço de esteira / E uma lata velha, que me serve de cadeira.*

*E o meu chapéu foi de um pobre surdo e mudo / As botinas foi de um velho da revolta de Canudos / Quando eu saio a passeio, as almas ficam falando / Trabalhei tanto na vida pro malandro estar gozando.*

*Meu Deus, eu ando com sapato furado / Tenho a mania de andar engravatado / A minha cama é um pedaço de esteira / E uma lata velha, que me serve de cadeira.*

*A refeição é que é interessante / Na tendinha do Tinoco / No pedir eu sou constante / Seu português, meu amigo sem orgulho / Me sacode um caldo grosso carregado no entulho.*

*Meu Deus, eu ando com sapato furado / Tenho a mania de andar engravatado / A minha cama é um pedaço de esteira / E uma lata velha, que me serve de cadeira.*

Nós já falamos de João da Baiana nos dois primeiros episódios desta série porque ele é um dos fundadores do samba. No episódio 16, analisamos **Batuque na cozinha**, sua música mais conhecida. E, no episódio passado, foi a vez de **Quando a polícia chegar**, um samba feminista. **Cabide de molambo** foi gravado pelo próprio João da Baiana no elepê **Gente da Antiga**, de 1968. Mas já tinha feito sucesso em 1928, com o cantor por Patrício Teixeira, que lançou os primeiros sambas de João da Baiana. Ouça como foi a primeira versão de **Cabide de Molambo**, há quase um século.

**Sobe som Cabide de Molambo, com Patrício Teixeira.**

<https://www.youtube.com/watch?v=k4fwemv22Nc>

Do início, com a introdução

*Meu Deus, eu ando com sapato furado / Tenho a mania de andar engravatado / A minha cama é um pedaço de esteira / E uma lata velha, que me serve de cadeira.*

**Aos 0.00'25''**

Você reparou que nas duas versões há uma introdução e um acompanhamento de sopros? Esta é uma forma de vestir música para dançar. Quem explica isso é Daniela Spielmann, saxofonista e professora de música do Centro de Educação Tecnológica Celso Sucov da Fonseca, no Rio de Janeiro. Daniela também é autora da tese **Bailes de Gafieira, repertórios em movimento**, sobre música brasileira para dançar. Daniela, como se fazem arranjos de músicas como **Cabide de Molambo**, para o povo dançar?

**Sobe som Daniela Spielmann. Aos 0.05'47''**

Eu acho que essa música é extremamente... e próxima do samba de gafieira também. Porque o samba de gafieira, geralmente, tá vinculado com uma crônica urbana. E essa música é uma crônica, né? Ela conta, ali, uma história. Ela conta a história de um personagem ali. Então, me lembra bastante. Aquela estrutura pra gente voltar num refrão, ela volta sempre ao mesmo refrão com aquela letra, né? Fala do terno, fala da roupa dele, né? Cabide de molambo, e as historinhas que vão variando ali. Essa estrutura de historinha, a gente associa muito ao gênero samba de gafieira, ao choro de gafieira. **0.06'25''**

40 anos separam as duas gravações. Houve avanços tecnológicos e a música popular também mudou nessas quatro décadas.

Daniela, o que diferencia **Cabide de Molambo**, com Patrício Teixeira, em 1928, e a versão de João da Baiana, em 1968?

**Sobe som Daniela. Aos 0.03'49"**

A gente tem duas versões aí. Uma, eu fico muito como um samba antigo. É quase um samba amaxixado, né? E, se você associar com uma dança, era dança picadinha, puladinha, né? **0.04'06"**

**Junta com Daniela. Aos 0.04'32"**

Na segunda versão, tem o João da Baiana cantando, o Pixinguinha... **0.04'35"**

**Junta com Daniela. Aos 0.04'58"**

Ele, além de ele ter sido chorão e o compositor genial que foi, né? O Pixinguinha é o compositor que fez arranjos para samba, para as marchinhas, ele tem essa sabedoria, né. Então, ele construiu essa linguagem. Tudo que vem do Pixinguinha é extremamente dançante. **0.05 21"**

Na gravação de João da Baiana, Pixinguinha começa a introdução no saxofone e, logo, entram Manezinho da Flauta e o Nelsinho do Trombone. Quando João da Baiana começa a cantar, os três fazem floreios em volta da melodia, mas só nos poucos momentos em que o cantor respira. Parece até que os três instrumentos de sopro estão conversando com João da Baiana. Daniela Spielmann, como

se criam estes diálogos de instrumentos com o cantor. É improvisado na hora ou escrito e ensaiado?

**Sobe som Daniela. Aos 0.23'48"**

Na primeira gravação do Patrício, você vê que essa introdução acontece várias vezes ao longo da música. É praticamente um estruturante da música, ali. Ali, certamente está escrito. **0.23'58"**

E na versão mais nova? Como se organiza a conversa de João da Baiana com Pixinguinha, no saxofone, Manezinho da Flauta e Nelsinho do Trombone?

**Sobe som Daniela. Aos 0.07'20"**

Os contrapontos, que é isso que você está chamando da conversa lá deles, eu sinto também que há uma combinação entre eles. Por exemplo, inicialmente, você vê que a flauta está fazendo mais floreios. Depois, o sax aparece mais e, nos refrões, os três tocam juntos, assim, né? Agora, eu acredito que essas conversas são improvisadas. **0.07'42"**

Quando você toca é assim também?

**Sobe som Daniela. Aos 0.09'25"**

Engraçado, ouvindo esta gravação eu me lembrei muito que eu fiz muitos bailes com o Silvério Pontes e com o Maionese. E éramos três músicos também, né? **0.09'35"**

**Sobe som música Anatilda. Aos 0.01'44" (é instrumental)**

<https://www.youtube.com/watch?v=WpuuAgMMC-c>

**até 0.02'19"**

**sobe som Daniela. Aos 0.09'35"**

Tem umas regrinhas, mais ou menos, que a gente cria pra gente. Primeiro que é assim: as coisas, quando vão dando certo, a gente repete. **0.09'43"**

**Junta com Daniela. Aos 0.10'02"**

Ou, às vezes, quando vão ter três tocando simultaneamente, aí eu me junto com a linha da flauta, que é o Maionese, faço uma coisa junto com ele e deixo o Silvério soltar mais um pouco. Então, tem umas regras de como fazer esta coisa improvisada. **0.10'14"**

É como numa conversa, num debate...

**Sobe som Daniela. Aos 0.10'40"**

Exatamente, exatamente. Eu penso exatamente, assim, a coisa do jogo de futebol, assim. Eu acho que você tem que pegar, você tem que atacar. A bola está com você, você tem que ir lá e tem que dar um jeito de marcar aquele gol. Pra fazer a coisa funcionar. Então, você está, tipo assim, liderando aquele momento, né? Mas depois você tem que se afastar. Ou não tocar, ou tocar menos notas, para o outro poder tocar naquele momento. Então, eu senti muito isso nesse arranjo deles. **0.11'07"**

Reparou que os músicos são identificados pelo apelido? Manezinho da Flauta se chamava Manuel Gomes, mas se você procurar pelo nome de batismo, pode não encontrar nada nos sites de busca ou dicionários de música. O mesmo acontece se você buscar Nelson

Martins dos Santos, mas se for atrás de Nelsinho do Trombone, vai achar muitas referências. Uma das poucas exceções é Pixinguinha. Ele foi batizado como Alfredo da Rocha Viana Filho e você vai achar os dois nomes porque Pixinguinha é o músico mais importante do Brasil. Veja o que Paulão 7 Cordas, o diretor musical dessa série, falou sobre ele.

### **Sobe som Paulão 7 Cordas na entrevista para dissertação**

#### **Aos 0.12'35''**

Se você pegar o Pixinguinha... Pixinguinha tem tudo que você pensar. Se você conhecer a obra do Pixinguinha você vai se dar bem. **0.12'45''**

#### **Junta com 0.13'27''**

O Pixinguinha brincava nas onze. Foi o primeiro grande arranjador de samba, grande arranjador de marchinha de carnaval, foi perpassando as coisas. **0.13'39''**

Daniela Spielmann, para você, que também toca saxofone, tem sua orquestra, compõe e faz arranjos, o que significa Pixinguinha?

#### **Sobe som Daniela Spielmann. Aos 0.13'06''**

A gente é sortudo na nossa música porque a gente tem muita gente maravilhosa, né? Tem Tom Jobim, tem Villa-Lobos, tem Jacó do Bandolim, mas eu acho que Pixinguinha, pela longevidade, pelo tamanho da obra, pela criatividade, pela profissão músico... acho que ele inaugura a profissão músico. Sabe? Ele é arranjador, ele trabalhou na rádio, pra mim, ele é a síntese da música popular

brasileira. Carnaval, choro, samba, ele está em tudo isso aí, né?

**0.13'39"**

Voltando ao **Cabide de Molambo**. João da Baiana dizia que, inspirado nesse samba, Noel Rosa compôs seu primeiro sucesso, **Com que roupa?** Compare as duas canções. Primeiro, um trecho de **Com que roupa?**, de Noel Rosa.

**Sobe som Com que roupa?**

<https://www.youtube.com/watch?v=rETSGoLBjjk>

**0.01'54"**

*Eu hoje estou pulando como sapo / pra ver se escapo dessa praga de urubu / Já estou coberto de farrapos / Eu vou acabar ficando nu / Meu terno já virou estopa e eu nem sei mais com que roupa / Com que roupa, eu vou? / pro samba que você me convidou / Com que roupa, eu vou? Pro samba que você me convidou. Aos 0.02'35"* (no acorde)

Agora, o **Cabide de Molambo**, de João da Baiana.

**Sobe som trecho de Cabide de Molambo**

<https://www.youtube.com/watch?v=ayxyE-vBPwk>

**Aos 0.00'57"**

*Minha camisa foi encontrada na praia / A gravata foi achada na ilha da Sapucaia / Meu terno branco parece casca de alho / Foi a deixa de um cadáver num acidente de trabalho.*

*Meu Deus, eu ando com sapato furado / Tenho a mania de andar engravatado / A minha cama é um pedaço de esteira / E uma lata velha, que me serve de cadeira. 0.00'41"*

O tema é o mesmo, as agruras de um homem muito pobre, quase um mendigo. Não é coincidência. Algumas teorias dizem que é um intertexto, que é quando um texto faz referência ao outro. Esta referência pode estar na melodia, no arranjo ou na letra. Se for uma referência explícita, é uma citação, mas pode estar subentendida, como no caso de **Com que roupa?** e **Cabide de Molambo**.

Daniela Spielmann, você é compositora, faz arranjos e ensina música. Como lida com estas referências? Devem ser evitadas ou usadas à vontade?

**Sobe som Daniela Spielmann. 0.14'46”**

Ah, eu sou da Lei do Lavoisier na música. Na natureza, tudo se transfor... a gente vai... Tem que ter referências. É importantíssimo. Tem escolas, ali. Essa letra é maravilhosa e várias músicas vão usar esta estrutura, né? Estrutura harmônica, estrutura dessa contação de história. Eu acho ótimo. **0.15'09”**

Em **Cabide de Molambo**, o sujeito poético é um homem pobre que conta os apertos da vida. Lembre-se: sujeito poético também é chamado de eu lírico, enunciador ou narrador, dependendo da teoria literária que você adota. No refrão, ele fala de sua situação atual. Por isso, os verbos são no presente do indicativo. Nas estrofes, conta como conseguiu o pouco que tem. Aí, usa o pretérito perfeito do indicativo. Repetindo, as músicas de João da Baiana são crônicas da vida carioca. Como este samba tem quase um século, é preciso dar o contexto da letra. Por exemplo, ele conta que:

**Sobe som 2 primeiros versos da primeira estrofe de Cabide de Molambo. Aos 0.00'57''**

<https://www.youtube.com/watch?v=ayxyE-vBPwk>

*Minha camisa foi encontrada na praia / A gravata foi achada na ilha da Sapucaia. Aos 0.01'08'' (deixa o acorde)*

A Ilha da Sapucaia era um depósito de lixo situado num pequeno arquipélago da Baía de Guanabara. Foi aterrado nos anos 1940, para a construção do Campus da UFRJ. Mas tem mais:

**Sobe som na terceira estrofe de Cabide de Molambo. Aos 0.01'42''**

<https://www.youtube.com/watch?v=ayxyE-vBPwk>

*E o meu chapéu foi de um pobre surdo e mudo / As botinas foi de um velho da revolta de Canudos / Quando eu saio a passeio, as almas ficam falando / Trabalhei tanto na vida pro malandro estar gozando. 0.02'04''*

A revolta de Canudos aconteceu na década de 1890, em protesto contra a Proclamação da República. Durou quase um ano e os soldados que voltaram de lá, pobres, foram morar no Morro da Providência que, por isso, é considerado a primeira favela do Rio de Janeiro e do Brasil. Ou seja, o personagem deste samba usa os sapatos muito velhos, herdados ou tomados depois da morte do soldado.

Já o cardápio citado na última estrofe ainda é comum nos redutos boêmios do Rio de Janeiro e outras cidades brasileira.

**Sobe som na quarta estrofe de Cabide de Molambo. Aos 0.02'27''**

<https://www.youtube.com/watch?v=ayxyE-vBPwk>

*A refeição é que é interessante / Na tendinha do Tinoco / No pedir eu sou constante / Seu português, meu amigo sem orgulho / Me sacode um caldo grosso carregado no entulho. 0.02'49''*

Sopa de entulho é feita de restos das refeições do dia. Um prato barato da baixa gastronomia brasileira.

Melodicamente, **Cabide de molambo** é bem simples. A letra, no entanto, além da ironia, organiza as sílabas tônicas e átonas das palavras para já garantir o sincopado do samba. Sem precisar alterar a ordem direta da frase, com sujeito, verbo e predicado, nesta ordem.

**Sobe som no refrão cantado pela primeira vez com João da Baiana**

Aos 0.00'11''

*Meu Deus, eu ando com sapato furado / Tenho a mania de andar engravatado / A minha cama é um pedaço de esteira / E uma lata velha, que me serve de cadeira. Aos 0.00'33''*

João da Baiana canta como se conversasse com a gente. Esta é uma característica do samba. Daniela Spielmann, há um jeito especial de tocar quando se acompanha um cantor assim como João da Baiana?

**Sobe som Daniela. Aos 0.21'38''**

Você tem que tomar cuidado para não atrapalhar o cantor, né? Quando está fazendo o contraponto, por exemplo, no sopro, né? A gente tem que ter meio um diálogo com eles, né? os músicos da base harmônica têm que valorizar porque é riquíssimo, né? O cara tem uma percussão vocal, né? Eles cantam... o jeito que eles conseguem dividir aquelas traves e estar em cima daquelas percussões é incrível, né? **0.22'04"**

E como você ensina isso para seus alunos.

### **Sobe som Daniela. Aos 0.25'33"**

Eu acho que o samba é a nossa história, né? Nossa identidade. Enfim, eles vão lá conhecer o que eles gostam. Eu combino com eles assim: seguinte. Eu tenho uma história minha, que é com o choro e com o samba e outras coisas que eu gosto, e vocês têm a de vocês. Vou trazer o que o universo geracional de vocês e a gente vai fazer uma troca. Eu faço questão de que eles escutem, né? **0.25'54"**

### **Junta com Daniela. Aos 0.26'36"**

Você conta a História através do samba. Faz uma interdisciplinaridade através do samba, né? **0.26'43"**

Para terminar e antes de você cantar: **Cabide de Molambo** é um samba de roda, em que todo mundo canta junto um refrão e duas ou mais pessoas cantam solo as estrofes. Antigamente, estas estrofes eram improvisadas. Na versão que você vai ouvir, há um coro cantando o refrão. Ouça a música algumas vezes para aprender a melodia e, principalmente, a divisão do ritmo que é bem

quebrado. Ou melhor, sincopado que é o termo correto em teoria musical.

Depois, cante lendo a letra, até decorar. A letra está no site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br). Tóris com i, viu? [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br) Quem sabe você não improvisa versos para esta música? Aí você faz uma roda de samba.

### **Sobe som versão instrumental de Cabide de Molambo.**

Gostou de cantar? Se você quiser mostrar como canta essa música, grave e mande para o e-mail [beatriz.toto@gmail](mailto:beatriz.toto@gmail.com), que a gente vai divulgar no youtube.

Este foi o episódio 18 da série **Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze**, onde ouvimos, analisamos e você cantou o samba **Cabide de Molambo**. No site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br) você encontra o texto deste episódio. Você encontra também a dissertação **Quando vem da alma de nossa gente, sambas da Praça Onze**, que foi a origem desta série.

Vai lá e conta o que você achou. [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br).

A série **Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze**, termina aqui. Todos os 18 episódios continuam disponíveis nas plataformas de streaming ou no site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br).

Foi muito bom estar com você. Apareça lá no site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br). Muito obrigada e até a próxima!

Vinheta Voz do Morro igual no início

<https://www.youtube.com/watch?v=h06DRX2Ot7M>

**0.00'32"**

*Preparem seus tamborins*

*A Praça Onze acabou, não temos onde brincar*

*Por isso, não vamos chorar 0.00'44''*

Esta série foi concebida por mim, Beatriz Coelho Silva, a Totó.

A produção executiva é de Lucas Gabriel MH, Insitte Comunicação.

**Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze** é um material didático distribuído gratuitamente e não tem fins lucrativos. A direção musical e a versão instrumental das músicas é de Paulão 7 Cordas.

Participaram das gravações: Alessandro Cardoso e Márcio Hulk no cavaquinho, Dudu Oliveira, na flauta; Márcio Wanderley no banjo; Ramon Araújo, no violão, Netinho Albuquerque, Rodrigo Reis, Rodrigo Jesus e Waltiz Zacharias, nas percussões. E Paulão no violão de 7 cordas.

Técnicos de gravação: Jadir Florentino, Ricardo Cidade e Ricardo Calafate.

Assessoria Pedagógica: Juliana Stanzani

Assessoria: KB Comunicação

O apoio cultural é da Maritaca Moda Artesanal.

O apoio moral é de Dinalda Machado, João Vítor Machado, Cely Leal e Teca Pimentel.

No site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br) você encontra o texto de todos os episódios e também a dissertação **Quando vem da alma de nossa gente, sambas da Praça Onze**, que foi a origem desta série.

Vai lá e conta o que você achou. [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br).

Muito obrigada.